DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

CRIOULIDADE, LUSOTROPICALISMO E A IDENTIDADE NACIONAL PÓS-INDEPENDÊNCIA DE AGUALUSA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE *NAÇÃO CRIOULA*

CREOLITY, LUSOTROPICALISM AND AGUALUSA'S POST-INDEPENDENCE NATIONAL IDENTITY: A BIBLIOGRAPHICAL REVIEW OF NAÇÃO CRIOULA

Felipe Rodrigues Soares
Universidade de São Paulo (USP)
felipe_frs@usp.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0005-1235-0870

RESUMO

Apesar da grande popularidade de José Eduardo Agualusa no Brasil e sua considerável circulação no cenário internacional, o autor constantemente enfrenta sérios questionamentos a respeito de suas concepções da identidade angolana, em especial sendo colocado como um dos autores que trabalham por uma revitalização do conceito de crioulidade, como o concebia Mário António de Oliveira, que tem por base as mesmas problemáticas do lusotropicalismo gilbertiano no Brasil. Nesse sentido, um de seus romances mais populares, *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, parece enfrentar tais críticas de forma mais direta, de maneira que parece-nos mais que pertinente, no contexto de 50 anos das independências dos países africanos de língua oficial portuguesa, orientar uma leitura da produção bibliográfica desenvolvida ao redor do romance, a fim de esclarecermos como as pesquisas e críticas da área têm pensado o romance em face um ideário conceptual tão historicamente problemático quanto o lusotropicalismo e sua variante angolana da crioulidade. Mais do que isso, pretendemos segmentar as leituras sobre romance de modo a pensar o privilégio que certos escopos, metodologias e abordagens carregam nas análises, apontando certas implicações de cunho ético para com o estado da crítica atual. O trabalho, portanto, formula-se como uma indagação não tanto sobre como *Nação Crioula*, ou Agualusa, inserem a questão da identidade nacional no pós-independência, mas como a produção bibliográfica subsequente ao romance lê a problemática da crioulidade em torno do autor e das diversas realidades que a obra se coloca.

PALAVRAS-CHAVE: *Nação Crioula*, Agualusa, Fradique Mendes, Revisão Bibliográfica, Crioulidade.

ABSTRACT

Despite José Eduardo Agualusa's great popularity in Brazil and his considerable circulation on the international scene, the author constantly faces serious questions regarding his conceptions of Angolan identity, especially as one of the authors working to revitalize the concept of creolity, as conceived by Mário António de Oliveira, which is based on the same problems as Gilbertian Lusotropicalism in Brazil. In this sense, one of his most popular novels, Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, seems to face such criticisms more directly, so that it seems more than pertinent to us, in the context of 50 years of the independence*

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

of Portuguese-speaking African countries, to guide a reading of the bibliographic production developed around the novel, in order to clarify how research and criticism in the area have thought of the novel in the face of a conceptual ideology as historically problematic as Lusotropicalism and its Angolan variant of creolity. More than that, we intend to segment the readings on the novel in order to consider the privilege that certain scopes, methodologies and approaches carry in the analyses, pointing out certain ethical implications for the state of current criticism. The work, therefore, is formulated as an inquiry not so much about how Nação Crioula*, or Agualusa, insert the question of national identity in the post-independence period, but how the bibliographic production subsequent to the novel reads the problem of creolity around the author and the diverse realities that the work presents.*

KEY-WORDS: *Nação Crioula*, Agualusa, Fradique Mendes, Bibliographical Review, Creolity.

Considerações iniciais

Natural de Huambo, o agrônomo de formação, jornalista e escritor José Eduardo Agualusa é, na altura da presente pesquisa, um dos autores mais conhecidos e populares no contexto dos países de língua oficial portuguesa do pós-independência e, pode-se dizer com certa tranquilidade, no mundo. Colunista no Globo, a presença de Agualusa no Brasil é massiva, sendo convidado constantemente para entrevistas e sendo nome central de centenas de pesquisas acadêmicas no âmbito das faculdades de letras, e, ainda assim, Agualusa é conhecido, por certa parcela importante da crítica literária, por revitalizar e atualizar a ideia de crioulidade, como a pensava o sociólogo angolano Mário António de Oliveira. No conhecido *Luanda, 'ilha' crioula* (Oliveira, 1968), Mário António repensava uma série de propostas gilbertianas lustropicalistas advindas do pensamento sociológico do Brasil em meados dos anos 40[1]. E em parte pela sua popularidade considerável no Brasil, Angola e Portugal, mas também em virtude de esclarecer tais críticas bastante gravosas sobre a concepção de identidade nacional, acreditamos ser de grande pertinência enfocarmos uma das obras mais conhecidas de Agualusa, sendo reeditada pelo menos duas vezes no Brasil e traduzida para inglês, alemão e neerlandês, *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*.

Mais especificamente, *Nação Crioula* é um dos romances de fase inicial de Agualusa – sendo o terceiro publicado de sua obra total – que mais atraem questionamento a respeito da crioulidade. Sua proposta parte de um claro intertexto com

[1] Cf. Kajibanga, 1999.

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

A correspondência de Fradique Mendes, de Eça de Queirós, e busca situar aquele dândi cosmopolita decadentista de afeições ao turismo e antropologia nascentes na Luanda da segunda metade do século XIX. Lá, o semi-heterônimo[2] de Eça de Queirós, agora redescoberto por Agualusa, conhecerá a elite mestiça escravista e, em especial, Ana Olímpia, filha de um príncipe congolês, ex-escrava e, em um primeiro momento, dona de escravos. Educada nos moldes europeus, Fradique ficará fascinado pela mulher, de modo que passará pelas diversas cidades do Atlântico Sul, como Luanda, Benguela e Olinda, casando-se com Ana Olímpia, concebendo uma filha mestiça chamada Sophia, nascida no Brasil, e abraçando o abolicionismo.

Assim, conhecendo as tenebrosas consequências que o pensamento lusotropicalista produziu no Brasil e sua atual ampla rejeição no contexto do movimento antirracista, parece-nos central compreender as leituras que se fizeram a partir de uma proposta de identidade nacional do romance que, em algum nível, relaciona-se com as concepções gilbertianas. Ainda mais detidamente, cremos que a data dos 50 anos das independências dos países de língua oficial portuguesa, não apenas justifica, mas fomenta a discussão dos projetos nacionais pós-independências, tendo o projeto colonial português como contraposição, sendo a própria questão da crioulidade e do lusotropicalismo legados do colonialismo.

Para tanto, metodologicamente, centramo-nos em utilizar os repositórios de teses e dissertações do Brasil e Portugal, a saber, no Brasil, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, o repositório CRUESP (Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas) e o Portal de Periódicos da CAPES, e em Portugal, os RCAAP (Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal). Além disso, valemo-nos da consulta em sistemas de busca científica como o Google Acadêmico, SciELO, JSTOR, e da busca em livros de grande impacto da área, cruzando referências e citações. A busca, portanto, teve como foco os termos "Nação Crioula", "Agualusa", "Fradique Mendes", "crioulidade" e "lusotropicalismo", entrando no recorte quaisquer pesquisas, entre teses, dissertações e artigos, que centralizassem os termos acima em contraste, inclusive as de proposta comparativa.

Objetiva-se, assim, especificamente e na seguinte ordem (i) expor as questões iniciais relativas a associação de *Nação Crioula* e o lusotropicalismo em Salete Cara

[2] Cf. Reis, 1999.

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

(2002), (ii) seguindo para as produções subsequentes que trataram de forma pontual a questão, não centrando suas pesquisas no debate, (iii) afunilando para as produções que mais amplamente buscaram pensar respostas possíveis aos argumentos de Cara (2002), ainda que de forma latente e não direta, e (iv) fechando com uma consideração de cunho interpretativo e apreciativo, em que lançamos uma hipótese de leitura das leituras feitas a partir de *Nação Crioula*.

Questões preliminares

Em parte, por uma clara aversão às propostas do romance, em parte, em reação às recensões críticas exageradamente positivas e entusiasmadas (Marques, 2022, p. 455) encontramos, cinco anos depois da primeira publicação de *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, o texto de Salete Cara, publicado pelo Centro de Estudos Portugueses da UFMG, "Processo literário em sociedade desagregadas: o caso angolano" (2002). E apesar de reeditado e republicado em 2004 no livro *Portos flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos*, o texto de Cara continuará com o mesmo foco crítico de dois anos antes. Em nosso contexto, é de extrema importância darmos a real atenção ao que pontua Salete Cara a respeito das propostas de Agualusa em *Nação Crioula* pois estarão, das mais diversas maneiras, como tentaremos expor aqui, reverberando na crítica do romance de forma ainda não plenamente solucionada. Nesse sentido, abdicaremos em partes da ordem cronológica da exposição, a fim de expormos com maior coerência e profundidade aquilo que consideramos a maior dissidência entre as leituras de *Nação Crioula*.

Apesar da reconstituição do título em 2004 para "Do pós-colonialismo angolano ao decadentismo português", a ordem argumentativa do texto de Cara continuará a mesma, iniciando com a comparação de *Nação Crioula* com *Nga Muturi*, de Alfredo Troni, e "Samba", de Castro Soromenho, em que conclui com a representação da violência na contraposição das concepções lusotropicalistas. Diz a autora:

> se violência e humilhação são indissociáveis da integração do país na economia-mundo, cada vez mais salta aos olhos sua exemplaridade no processo de constituição das formas de produção capitalista na periferia, onde revela sua face mais violenta. Não tenhamos ilusões quanto ao papel de uns e outros, pois só assim será possível rever, a despeito do mito da multirracialidade difundida pela ideologia colonial do luso-tropicalismo, a

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

> generalidade do conceito de uma fratria comunitária entre Portugal, Angola e Brasil (Cara, 2002, p. 124-125).

Em seguida, aponta para a "insuficiência pós-moderna do trato com a matéria, programaticamente dissolvida entre um passado que poderia ter sido – e que não foi – e uma promessa sem fundamento" (Cara, 2002, p. 128), o que ressalta a utilização de uma estética pós-moderna e metaliterária para fins comerciais ou do "'marketing' liberal". Essa crítica segunda da autora levanta outro ponto bastante relevante, a saber, a falta de um visão anti-hegemônica para a contemporaneidade do autor. Isto é, se considerarmos o trato pós-moderno com o passado, estamos também a considerar que o discurso é duplo, falando tanto ao passado, mas principalmente ao seu presente[3], de modo a dialogar com as perspectivas dominantes de seu tempo.

> Seria bom assinalar vivamente que, ao contrário de Eça, o escritor contemporâneo manifesta um assombroso apreço pelo seu próprio tempo presente, sem nenhuma negatividade. Um deslumbramento a quem nem mesmo era dado o diletante Fradique, com sua superioridade um tanto blasé (Cara, 2002, p. 130).

É a partir dessa falta de viés crítico por parte de Agualusa que a autora adentra seu último apontamento: o não distanciamento irônico do autor para com seu Fradique. Resulta dessa afirmação a plena identificação do autor com o personagem, o que implica dizer que se Fradique operava, em *A correspondência*, como um alvo da crítica e também como crítico, aqui ele operaria apenas como crítico, de modo que todas as suas falhas de caráter são, em *Nação Crioula*, tratadas sem a devida negatividade. Daí se depreende a frátria comunitária crivada pelo viés lusotropicalista, afinal, a personagem que une, ou pela qual se mediam as dinâmicas identitárias do Atlântico Sul, é um típico português do século XIX, com um parco filtro pós-moderno de afastamento perspectivista.

> Em *Nação Crioula*, a África é unanimidade sempre curiosa, e a conciliação geral tarefa já inscrita num passado histórico. Mas é isso o que tem a oferecer uma imaginação moderna e sua promessa de futuro? Uma imaginação que parece ter absorvido e generalizado a disposição otimista do antigo diletante, sem se dar conta de que ele é figura caricata das promessas não cumpridas da modernidade burguesa. Se tivesse sido irônico batizar "*nação crioula"* o violento traslado comercial dos negros, outro poderia ser o resultado narrativo do romance de Agualusa. Mas outro também seria o Fradique que surge de suas páginas, e quem sabe à altura do viés crítico e desassombrado de Eça de

[3] Cf. Abdala, 1968.

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

> Queirós. No entanto, o filtro pósmoderno do escritor angolano banha o século XIX (mas sobretudo o seu próprio século) de benesses trans-históricas e trans-topológicas, fazendo tábua rasa do passado e expondo não uma utopia, mas uma fantasmagoria subjetiva. Respondendo com obediência as regras do jogo do mercado, sem forças para denunciar o que está sendo soterrado por ele, aqui não cabem problemas que possam perturbar os leitores no seu aplauso comum. Enquanto isso, desigualdades, exclusões e miséria dão o tom no cenário mundial. (Cara, 2002, p. 131-132)

Como dissemos, em meio a recepção calorosa de *Nação Crioula*[4], o posicionamento de Salete Cara é mais que digno de nota. Sua acusação coloca Agualusa em meio ao *hall* de autores que estariam revitalizando o conceito de lusotropicalismo e, mais especificamente, sua variante angolana, a crioulidade[5]. A título de situarmos o leitor nesse contexto, antes mesmo de Cara (2002), Victor Kajibanga (1999) já dispunha de José Eduardo Agualusa como um dos principais nomes nos estudos de África em Portugal a pensarem a questão da crioulidade.

> devo reconhecer que o luso-tropicalismo e a sua variante angolana, a teoria da crioulidade, formaram uma grande academia pluridisciplinar, e aos poucos vão criando (pelo menos em Portugal) grandes empreendimentos de re-produção do espírito da crioulidade.
> Os estudos africanos praticados por alguns intelectuais angolanos (José Carlos Venâncio, Francisco Soares, Carlos Pacheco, José Eduardo Agualusa) residentes em Portugal e alguns portugueses (como é o caso de Salvato Trigo), constituem o núcleo duro da academia crioula, corrente dominante da actual escola portuguesa de estudos africanos. (Kajibanga, 1999, p. 145)

E apesar desse cenário, somado ao gravoso texto de Cara, em meio aos 20 textos que buscam analisar o romance aqui referenciados, há apenas 1 deles que dialoga diretamente com a acusação feita pela autora, o de Pedro Marques (2022), vinte anos depois. No entanto, entre as mais de duas décadas da publicação do romance até o desenvolvimento do presente artigo, Marques (2022) não foi o único a explorar a problemática da identidade crioula no romance de Agualusa. Assim, trabalharemos aqui de que maneira os autores compreendem a temática em *Nação Crioula*, tendo em vista seus pressupostos, argumentos e de que forma acabam, ainda que involuntariamente,

[4] A saber, Zamparoni (1998), Leal (2000), Fonseca (2001) e Jorge (2001).
[5] "Refiro-me ao paradigma da antropossociologia da crioulidade angolana, formulado nos trabalhos de José Carlos Venâncio e de Francisco Soares, que pretendendo construir uma teoria explicativa, totalitária e hegemónica sobre a realidade sociológica angolana, falseiam essa mesma realidade e se prestam a cultuar o mito dos grandes feitos dos descobrimentos e da colonização portugueses, o discurso de raça e uma epistemologia de pendor eurocentrista e paternalista." (Kajibanga, 1999, p. 142)

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

dialogando com os argumentos bastante sólidos que dispõe Salete Cara. Reiteramos esse estado do texto da ensaísta, pois, de fato, seu artigo passa pelos principais pontos de análise entre as pesquisas do romance, de modo que acaba aproveitando essa interação incidental com as pesquisas posteriores a si.

Tímidos acenos

Em um cenário primeiro, destacamos que o aspecto utópico já tinha sido observado com algum grau de ressalva por Isabel Pires de Lima (2000)[6] e Paulo Motta (2004), mesmo que suas considerações não avançassem por demais no debate da identidade angolana, ou nas questões mercadológicas associadas à publicação do romance – como o faz Cara (2002). Surpreende, contudo, que a leitura feita pelas primeiras pesquisas do romance estão essencialmente esvaziadas da discussão lusotropicalista proposta assumidamente por Cara (2002). Na dissertação de Iara Rodrigues (2003), ou mesmo na tese de Francisco Melo (2008) a questão não será levantada, ainda que Rodrigues (2003) explore consideravelmente a questão de identidade desenvolvida no romance, isto é, por outras vertentes, sem considerar o questionamento da crioulidade.

Com a ressalva do texto de Silvestre (2002), será apenas em 2009, com a dissertação de Eva Dinis, em Lisboa, que a questão lusotropicalista entrará em cena. Situando as teses de Mário António, a autora comenta inclusive o texto de Silvestre (2002) – que exploraremos mais a frente –, mas sua leitura, baseada no estudo da alteridade no romance de Agualusa, será de que a concepção crioula é, inclusive, positiva.

> Neste contexto, tanto Fradique como Ana Olímpia são exemplos destes dois tipos que, também eles, vêm contribuir para a crioulização da "ilha" de Luanda – para o seu hibridismo.
> Deste modo, subvertendo e descentrando as estratégias de significação que codificam as representações históricas e culturais do Outro, é criado um novo sujeito de alteridade, portador ele mesmo dessas diferenças culturais, e criador de uma nova identidade nacional. (Dinis, 2009, p. 139)

Também em uma leitura positiva da questão híbrida em *Nação Crioula*, comentamos brevemente o texto de Vincenzo Russo (2021), em que posiciona o lugar

[6] Apesar do que pontuamos, Cara (2002, p. 128) elenca Lima (2000) entre os autores de recepção "celebratória", ainda que em nossa leitura haja certas ressalvas ao romance de Agualusa.

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

mestiço de Sophia como uma abertura positiva e solucionadora de diversas complexidades que o autor demarca no tratamento histórico do Atlântico Sul (Russo, 2021, p. 11). Assim, o autor chega a tangenciar a questão lusotropicalista em si, mas não adentra a problemática, ainda que sua colocação sobre Sophia evidencie algumas lógicas de interpretação possíveis.

No mesmo sentido de uma colocação mais amena está o artigo de Wesley Correia (2011) que considera ambígua a posição de Fradique em meio aos apontamentos mais lusotropicalistas de seu caráter. Em sua argumentação, aponta "a beleza não racializada de Ana Olímpia", a distância proposital de Fradique às teses de Manuel Querino[7], personagem no romance, mas também considera com bastante importância a autorização simbólica mestiça que oferece a figura de Sophia.

> Ao dizer que Sophia, a filha mestiça, nascera para conquistar o mundo, o narrador dota de força, expressão e legitimidade – talvez, em seu entendimento, a mesma que faltava ao africano – o indivíduo híbrido que uma vez nascido no país tem naturalmente sobre ele os direitos. Essa "naturalidade" incide sobre a consciência do pertencimento justo do mestiço ao seu país. Do modo em que está posto na narrativa, o mestiço corrobora a um estado de letargia racial e o seu surgimento o legitima no sentido da propriedade territorial. Assim, do ponto de vista da nação, seu problema está resolvido e não há por que guerrear. (Correia, 2011, p. 5)

O autor também reforça a falta de atenção por parte de Agualusa ao retratar uma perspectiva europeia, isto é, de Fradique, para imaginar um passado escravista, afirmando que "a quase ausência destes pormenores em *Nação Crioula* associada a uma inacreditável retomada da ideologia colonial afasta o autor do rol dos escritores engajados" (Correia, 2011, p. 7). Entende, ainda assim, que a última carta do romance, dando voz a Ana Olímpia, reitera a dúvida sobre posicionamentos mais verdadeiros do autor, ou seja, se de fato é cooptado pelo ideário da crioulidade de Oliveira (1968).

[7] "As pesquisas de Manuel Querino enfatizam os aportes africanos para a formação da sociedade brasileira a partir de exemplos concretos [...] como indica o ensaio 'O colono preto como fator da civilização brasileira' (1918), publicado em período pós-escravatura, no qual ele inverte a lógica dominante, indicando como as pessoas negras colonizaram o Brasil no sentido de produção de vida e de conhecimentos, de ciências, artes, culinária, literatura etc. Tal versatilidade, entretanto, foi considerada falta de rigor por muitos de seus contemporâneos, até mesmo por Artur Ramos (1903-1949), que organizou e prefaciou *Costumes africanos no Brasil* (1938); no texto do prefácio, Ramos sentencia: 'muito haveria que discutir e retocar nestes ensaios de Manoel Querino' cuja 'independência metodológica, sem ligações diretas com as tradições da Escola Bahiana, deixou-se resvalar em falhas e senões que de certo modo tiram a alguns de seus trabalhos, o exato sabor científico' (D'amato, 2023).

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

Outrossim, é relevante comentar que Correia (2011, p. 5), citando o trabalho de Luís Nicolau Parés, situa a dinâmica de valorização das identidades em Angola dentro dos termos "afrocêntricos" e "eurocêntricos", o que não deixa de ser uma variação para uma certa tradição valorativa endógena e outra exógena, como diz o já citado Kajibanga (1999) e posteriormente Lima (2020). A conceituação é relevante para nosso debate enquanto localiza conceitualmente propostas diversas a partir da noção de angolanidade e suas tradições analíticas diversas. Se de um lado uma pensa a identidade angolana a partir do processo colonial, a outra busca cifrar novos processos identitários pela reiteração de um momento histórico anterior ao colonialismo, o que leva a concepções de nação muito diversas e, consequentemente, leituras diversas da proposta de Agualusa.

Ainda em 2011, crivados por um escopo comparativo, a tese de Maria Vieira e a dissertação de Léo Castro ganham destaque. Castro (2011), inclusive, envolto em outra grande polêmica sobre Agualusa, a saber, sua fala no jornal "Angolense" sobre o poeta e primeiro presidente de Angola, Agostinho Neto[8]. Castro (2011) pontua como as formas de conceber a identidade angolana após a independência do país são, literariamente, bastante diversas entre Neto e Agualusa, isso porque a proposta original de Neto teria falido, de modo que a mentalidade pan-africanista do poeta já não satisfaz a lógica pós-colonial de Agualusa (2011, p. 100-114). Já Vieira (2011) põe em questão outros dois autores consagrados no cânone angolano, Luandino e Pepetela, assumindo que, apesar de exógeno à Angola (2011, p. 26), Fradique carrega um certo caráter transformador em *Nação Crioula*, formatando uma crítica ao colonialismo mais complexa do que o autor teria feito em *A Conjura*, por exemplo (2011, p. 192-197).

Também na lógica comparativa, consideramos a tese de Wesley Correia (2015), comparando *A gloriosa família*, de Pepetela, com *Nação Crioula*, o que gera bons contrastes, pois o enredo de ambos os romances trata de um período histórico de forte tráfico negreiro e contém protagonistas em trânsito cultural. Em Pepetela, há a figura de Baltazar Van Dum, holandês de nascença, mas que lutou em Espanha e agora compra e vende escravos em Luanda e Benguela. Em Agualusa, há o português cosmopolita Fradique Mendes, aventurando-se desde a Ásia ao Atlântico Sul.

No contraste com seu artigo de 2011, Correia (2015) parece compreender *Nação Crioula* de forma mais amena, considerando a ironia de Agualusa em Fradique bastante

[8] Cf. Lusa, 2008.

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

forte enquanto crítica ao colonialismo (2015, p. 354), assim como a de Pepetela. Contudo, o autor ainda passa por algumas ressalvas ao pensar Sophia, compreendendo uma certa validação das ideias de Manuel Querino no romance (2015, p. 385). Tais ressalvas colocam-no mais próximo a suas opiniões anteriores (2011), ainda que o saldo geral seja de crítica mais diluída, muito possivelmente pela presença de outro romance bastante extenso de Pepetela.

Fora do contexto dos países de língua portuguesa, encontramos um interessante texto de Kian-Harald Karimi (2015), professor na Universidade Humboldt de Berlim, em que considera os conceitos "crioulo" e "nação" como conjunções de uma mesma ideia no romance. Assim, para Agualusa,

> não são a origem ou o sangue, a cor da pele, a terra ou a família os que definem a pertença à uma nação, mas apenas e unicamente o seu movimento permanente e inacabado. Seus sujeitos são as pessoas que circulam entre Portugal, as suas colónias africanas e o Brasil (Karimi, 2015, p. 166).

Dessa categorização da nação, dispõe-se o autor a considerar que Agualusa não está corroborando com as teorias gilbertianas, mas chegando em "proporções utópicas", de modo que tais considerações precisam passar pela multiculturalidade e, ao mesmo tempo, pela desigualdade social e econômica, o que gera conflito na leitura (Karimi, 2015, p. 166). O comentário do autor, portanto, não lê nas ocorrências utópicas de *Nação Crioula* uma reiteração da crioulidade de Oliveira (1968), mas entende que tal associação conceitual ocorre pela exploração de conflitos históricos ainda em curso no romance.

O texto de Stewart e Small (2016), ambas da Universidade de Sheffiled, também corrobora com a ambivalência da questão lusotropical em Agualusa, pois assinala que

> tanto em *Nação Crioula* quanto em *Pelourinho*, a passagem entre África e Brasil não representa necessariamente um espaço híbrido (embora isso pareça ser sugerido pelo título Nação Crioula, já que é o nome do navio negreiro que leva os personagens de Luanda para o Recôncavo), **mas um ponto de ruptura entre identidades** (Stewart; Small, 2016, p. 55, *nossa tradução e grifo*).

O argumento é posto dessa maneira pois as autoras compreendem a carta final de Ana Olímpia como uma contestação da veracidade dos relatos anteriores de Fradique e, por isso, a possibilidades de novos e diferentes discursos emergirem (2016, p. 61).

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

Niyi Afolabi (2017), da Universidade do Texas, no entanto, parece estar mais próximo de uma crítica negativa ao romance.

> A pergunta que fica é como o leitor pode ver qualquer sentimento abolicionista em Fradique ou Ana Olímpia. Ambos estão profundamente envolvidos no drama da escravidão, e mesmo a empatia que Fradique demonstra é provavelmente atribuível aos ideais Lusotropicalistas de "mistura de raças" que servem como validação simbólica de suas relações eróticas com Ana Olímpia. Por sua vez, Ana Olímpia equilibra seu sofrimento como escrava da feia Gabriela Santamarinha com o poder que adquiriu como proprietária dos escravos que herdou de seu antigo senhor e marido, Vitorino. Ao refletir sobre tudo isso no final da narrativa, Ana Olímpia parece continuar sua busca para entender e justificar a escravidão. De fato, seu relato está longe de ser o de uma abolicionista (Afolabi, 2017, p. 186, nossa tradução).

O autor enxerga uma série de momentos "escapistas" concretizados literariamente a partir da problemática da escravidão e entende que há um forte desejo pelo "outro colonial" (Afolabi, 2017, p. 194, *nossa tradução*). Encerra, porém, dizendo que o romance procura destruir noções binárias de identidade, levantando uma certa multiplicidade transgressora. Essa declaração final acaba por amenizar sua crítica anterior mais aguda ao texto.

Respostas possíveis

Como comentamos há pouco, deixamos o texto de Silvestre (2002) para ser explorado aqui, pois se trata de um caso anterior ao de Salete Cara (2002). No contexto de uma apresentação feita no "Congresso de Estudos Queirosianos. IV Encontro Internacional de Queirosianos" em 2000, as hipóteses do professor da Universidade de Coimbra, Osvaldo Silvestre, devem ser devidamente consideradas por nós, pois concentram, em um momento bastante recente da publicação da obra, o que parece ser o primeiro texto a considerar com maior atenção a questão lusotropicalista em *Nação Crioula*, ainda que o autor também avance para demais comparações entre Eça e Agualusa.

No texto, o autor rapidamente correlaciona a "Ilha Crioula" de Mário António com a "Nação" de Agualusa, notando já em *A Conjura* seu estreitamento, de modo que entende a obra mais ampla de Agualusa como "razoavelmente incompreensível se não lida contra o pano de fundo do pensamento de Mário António" (Silvestre, 2002, p. 233). Reforça essa

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

visão em *Nação Crioula* a posição de senhor de engenho que Fradique ocupará na segunda metade do romance e ainda por essa associação, entende que a relativização antropologizada de Fradique tomará formas pós-coloniais um tanto ambíguas:

> A máscara pós-colonial de Fradique não consegue aderir ao rosto da personagem (ou, o que é o mesmo, adere de tal modo que já dela se indistingue). Fradique recua, admitindo os excessos do seu entusiasmo de antropólogo; mas nesse momento quem fala já não é Fradique – nem o de Eça nem o de Agualusa – pois a sua voz foi inteiramente parasitada por aquilo a que podemos, e devemos, chamar a Razão Colonial. A forma abrupta e crua como esta vem a si mesma, usando para tal veículo Fradique, faz-nos contudo perceber a essencial "falsidade" da cena, a qual reside no facto de esta Razão Colonial ser agora, ela também, parasitada por uma Razão Pós-colonial que inteiramente coincide e se sobrepõe àquela, dando-a assim, sem mais, no espectáculo da sua falsidade.

É nesse processo de tornar o colonial em pós-colonial que se insere Ana Olímpia, na visão de Silvestre (2002), de modo que sua figura será a demonstração final do jogo metaliterário de Agualusa, fechando em uma quarta capa pós-colonial a vida de início decadentista com o narrador das "Memórias e notas". Ainda assim, Silvestre (2002) argumenta que Fradique não escapa ao colonial, mas resiste ao seu tempo em um exercício de crença no "relativismo cultural". Dessa forma, é no diálogo com Eça que Silvestre (2002) compreende *Nação Crioula* como uma possibilidade de falsificação no jogo iniciado por Eça, reforçando a fala de Victorino de que Fradique "não é um homem", mas "uma invenção literária" (Agualusa, 1997, p. 140 apud Silvestre, 2002, p. 239), o que altera propósitos utópicos possíveis do autor, sendo a "Razão Pós-colonial" mais um exercício estético de falseamento, desarmando leituras lusotropicalistas ou do enaltecimento à crioulidade, tendo Sophia pouca importância na análise de Silvestre (2002).

Aproximando-nos, contudo, do atual estado do debate, encontramos a tese de Danuza Lima "A crioulidade em José Eduardo Agualusa e a identidade cultural angolana", orientada por Pires Laranjeira em 2020. No texto, a autora mapeia os principais expoentes do conceito de crioulidade nos moldes lusotropicalistas, adentrando noções de raça, civilização e identidade, utilizando-se de autores como Homi Bhabha, Denys Cuche, Franz Boas e Stuart Hall. A tese de Cuche, aliás, destaca-se em muito no contexto da obra de Agualusa, pois corrobora um posicionamento contra o

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

"monidentitárismo" na contraposição aos ideais de estado-nação estabelecidos tradicionalmente. Diz a autora:

> A literatura de Agualusa engloba essa discussão, visto que a crioulidade, sob os critérios da pós-modernidade presente em sua obra, eleva a noção de mestiçagem cultural e biológica para o plano do trânsito entre as fronteiras identitárias.
> Na modernidade, a identidade tornou-se uma questão diretamente ligada à composição do Estado-nação, uma vez que este passou a normatizar e gerenciar a identidade do povo. Esse fato tendeu ao que Cuche (1999) intitulou monoidentificação. Uma das implicações desse modelo é justamente a exclusão das diferenças, sendo essa a principal base ideológica do ideal nacionalista. (Lima, 2020, p. 35)

Reforça essa perspectiva a pontuação de que, no âmbito geral, Agualusa "faz de Fradique Mendes uma personagem-chave para a ambivalência e desconstrução do pensamento maniqueísta [...] e para a integração e 'cafrealização' dessa personagem ao ambiente angolano e posteriormente brasileiro" (Lima, 2020, p. 151-164). Como endosso a essa noção de cafrealização, traz Boaventura Sousa Santos para o debate. Ainda assim, a autora considera que *Nação Crioula* pode ser lido como um romance de tese que busca comprovar ideias do autor sobre mestiçagem, o que implica considerar uma boa parcela de proximidade entre o autor e sua personagem.

Quanto à problemática lusotropicalista em especial, Lima (2020) parece considerar algumas ressalvas quanto a associação do conceito para *Nação Crioula*, pontuando o debate que traz Agualusa com as ideias de Manuel Querino, por exemplo. E apesar de tais cuidados dentro do conceito de identidade e suas acusações para com o autor, o posicionamento de Lima (2020) no que tange o lusotropicalismo gilbertiano, e sua variante em Angola, é bastante severo, criticando fortemente a proposta por meio de Kabengele Munanga. A autora ressalta, inclusive, o importante aspecto sexista das propostas lusotropicalistas, diretamente combatendo a proposta com Achielle Mbembe e Bell Hooks, o que a distancia do suposto ideal crioulo que o autor constrói por meio de Sophia, vendo Lima (2020) um claro intertexto com *Iracema*, fazendo pesar as críticas de Mbembe e Hooks.

É importante notar também que a autora comenta o argumento pós-moderno em Agualusa, bem como seu apelo comercial. Ao trazer Sousa Santos, entende que há um certo papel de manutenção hegemônica nas ideias de "desconstrução" que estão esvaziadas de sentidos propositivos.

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

> Os estudos pós-coloniais promovem a "desconstrução" do discurso colonial e apresentam uma abordagem alternativa à hegemonia ocidental, por meio de novas balizas epistemológicas, porquanto abrangem temas como nacionalismo, identidade, etnicidade, alteridade, globalização, hibridismo, subalternidade e questionam-se sobre o cânone literário e outros conceitos cristalizados (Ashscroft et al., 1998).
> A partir da perspectiva apresentada por Santos (2008), podemos depreender que a noção sobre o pós-moderno não ultrapassa o pensamento hegemônico das sociedades do Norte, mesmo perante seu caráter inclusivo. E, por isso, embora existam coincidências entre o pós-moderno e o pós-colonial, o primeiro não abrange a perspectiva anti-imperialista do segundo termo (Lima, 2017, p. 198).

O argumento é importante porquanto neutraliza a ideia reiterada de que *Nação Crioula* não deseja propor nada, apenas criticar ou desconstruir, isto é, que sua utopia nada mais é do que uma consideração de identidades outras. Nesse sentido, a autora relativiza o sentido utópico do texto, compreendendo que a partir de certos enfoques teóricos, é possível concluir diferentes sentidos ao romance.

Em geral, a extensa tese de Danuza Lima considera a obra de Agualusa – e *Nação Crioula* em particular – como uma redescoberta do conceito de crioulidade, de modo que se afasta e se aproxima por vezes das apropriações anteriores da conceituação, mas que está focalizando um lugar social específico do autor.

> A dessacralização dos ícones nacionais, a dissolução das fronteiras identitárias, o elogio da mestiçagem racial e cultural, a celebração do cosmopolitismo, das identidades híbridas etc. são decorrentes de uma visão orientada pelo lugar pessoal, social, racial e identitário do autor, que se reconhece como oriundo dessa sociedade designada por ele como crioula [...]
> Agualusa ressignifica a ideia da crioulidade angolana por meio de sua escrita. **Ele não se respalda unicamente nessa ideia tal como foi concebida por Mário António Fernandes de Oliveira, posto que a associa às correntes estéticas e epistêmicas ligadas ao pós-colonialismo e ao pós-modernismo**. Desse modo, a crioulidade não aparece na obra de Agualusa apenas como pano de fundo, **mas influencia intrinsecamente a tessitura de seus romances**. Por meio da análise literária, pudemos observar que na escolha das personagens, foco narrativo, momento histórico, espaço etc. há a predominância do segmento designado por ele como crioulo, pois, ao privilegiar algumas personagens históricas, que se repetem em seus livros, recupera momentos que demarcam o surgimento e a atuação desses indivíduos na política e cultura do país. (Lima, 2017, p. 206-207, *nosso grifo*)

Nesse contexto, Danuza Lima (2020) está entre as pesquisas mais completas e, ainda assim, mais cautelosas dentro da questão crioula no contexto do romance. Em meio aos seus posicionamentos, a autora se faz valer em muito das entrevistas e falas pessoais

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

do autor para entender certas nuances da discussão. Outrossim, vale destacar que a autora compreende a discussão sobre identidade muito semelhantemente ao que considera Kajibanga (1999) e Correia (2011), isto é, a autora demarca

> a concorrência de duas principais correntes para a compreensão da identidade cultural do país: **uma que privilegia a presença portuguesa sob a noção de uma síntese hierárquica**, conforme ocorre com a teoria do crioulismo angolano, **e outra que privilegia os traços culturais endógenos, negro-africanos e de matriz bantu**. Essa cissura influencia a esfera social e cultural da nação e é um tema que aparece como cerne na economia da obra de Agualusa. (Lima, 2017, p. 206, *nosso grifo*)

Esse diálogo cauteloso está disposto, dois anos após a tese de Lima (2020), em Pedro Marques (2022), ainda que de forma mais pontual, em um artigo publicado pela *Via Atlântica*. Mais especificamente, o autor está dialogando diretamente com o texto de Salete Cara (2002) vinte anos depois de sua publicação original. A respeito de Marques (2022), porém, há uma necessária consideração, feita pelo autor, sobre a comparação que Cara (2002) faz entre Alfredo Troni, Castro Soromenho e Agualusa.

> O nosso argumento é de que *Nação Crioula* é sobretudo uma instância de reflexão metaliterária, de consideração do alcance ontológico e pragmático das narrativas e que, por isso mesmo, resiste às exigências pedagógicas ou éticas que se têm feito a este texto. Já às outras duas narrativas [*Nga Muturi* e "Samba"] subjazem intecionalidades substancialmente diferentes. (Marques, 2022, p. 458)

A proposta de análise do autor, portanto, segue uma linha de valorização dos aspectos estéticos da obra em si mesmos, não avançando para questões éticas ou pedagógicas. Na verdade, Marques (2022) faz questão de negar tais proposições, retomando o aspecto perspectivista que o romance assume com a carta final de Ana Olímpia para Eça de Queirós. Assim, quando se propõe a questionar os aspectos lusotropicalistas reiterados no artigo de Silvestre (2002), por exemplo, o autor contrapõe exatamente com o argumento que comentamos acima. Diz ele:

> Já em *Nação Crioula*, Silvestre destaca na personagem de Fradique a confluência provocatória de Eça e de ideologias crioulas e lusotropicalistas e que acaba por se **submeter a uma voz pós-colonial**, **a de Ana Olímpia**. Quer isto dizer que o confronto entre um discurso colonial oficial e a referida voz marginalizada de Ana Olímpia é mais subtil ou menos saliente do que se pode fazer crer, o que nos traz de volta a questões como o estatuto ontológico do sujeito e da validade das narrativas. (Marques, 2022, p. 464, *nossa tradução*)

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

Pedro Marques (2022), assim, faz ecoar o pensamento de que a posição narrativa da última carta de Ana Olímpia – e mais amplamente a própria personagem no romance – reifica o lugar do texto como uma reflexão de questionamento e interrogação, por vezes utilizando-se de posturas contraditórias entre si, o que estaria sendo subutilizado da própria construção de Eça de Queirós. Nesse contexto, conclui dizendo que

> A comparação entre "Samba", *Nga Muturi* e *Nação Crioula* é útil na medida em que nos permite distinguir as intencionalidades subjacentes aos diferentes textos. [...] em *Nação Crioula* dificilmente podemos ler o romance como tendo a intencionalidade de representar fidedignamente uma sociedade, tempo histórico ou mentalidade, seja em termos puramente factuais, seja em termos éticos. Na realidade, o próprio complemento adverbial "fidedignamente" pode ser objeto de debate. (Marques, 2022, p. 469)

Assim, se o argumento de Salete Cara (2002) se fundamenta na não representação fidedigna ao processo de violência colonial pouco contrastado no romance, Marques (2022, p. 471) está ao lado de Silvestre (2002) enquanto considera que a "capacidade de fuga a guiões pré-estabelecidos" do romance leva "não a um irresponsável aplainamento de uma realidade histórica brutal, mas à introdução da ideia de fratura", o que essencialmente significa dizer que na composição final da obra, destaca-se não a sua implicação pedagógica, mas seu questionamento das identidades formais que estão em jogo na sociedade angolana atual.

Em grau relativamente menos enfático, também podemos colocar em questão o artigo de Lígia Bezerra (2015) em que não desvalida a ambiguidade moral pendente a um caráter lusotropicalista de Fradique – e até mesmo de Ana Olímpia – exatamente por compreender no romance um tratamento de dúvida e questionamento para com a historiografia oficial, não necessariamente pondo em foco Fradique como representação do real, mas como um descentramento dele.

E, no entanto, queremos avançar o argumento de Marques (2022), Lima (2020) e Bezerra (2015), com um texto que antecede aos três, o de Rui Miranda (2014). Ao aproximar Derrida e suas teorias da incomunicabilidade, Miranda (2014) nota a inadequação de "imaginários familiares" associados ao romance (Miranda, 2014, p. 149). Em específico, na procura por entender o diálogo entre *A correspondência de Fradique*

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

Mendes e *Nação Crioula*, o autor relativiza a leitura unívoca de Agualusa por meio de um rompimento estrutural e genealógico do romance com Eça, isto é,

> é necessário ir além da correspondência Eça-Fradique e enfatizar a carta que se extravia e, consequentemente, provoca o extravio da correspondência secreta de Fradique. É Ana Olímpia que oferece uma alternativa ao estruturalismo fálico da inseminação transatlântica (de Camões a Freyre, e demais derivações luso-brasileiras) e às leituras estruturadas em torno da ausência do "pai" (significado, sentido, identidade quer de Fradique quer de *Nação Crioula*). [...] Ana Olímpia suplementa com a disseminação postal a inseminação (lusotropical) ao intrometer-se na correspondência, contestar Eça e recusar-lhe as cartas, enviando-as por fim já fora de tempo útil (Miranda, 2014, p. 152-153).

Ocorre que, para Miranda (2014), o "extravio" da carta não é mero acidente, mas uma realização narrativa deliberada a fim de estabelecer uma estrutura destinerrante, incomunicável e essencialmente diversa, de modo que "Ambos os romances epistolares (de Eça e de Agualusa) são construídos não apesar de, mas precisamente por causa da destinerrância, através dos desvios e extravios" (Miranda, 2014, p. 153). Dessa forma, posiciona-se dentro da problemática lusotropicalista dizendo que

> A obra de Agualusa pode ser acusada de explorar lugares-comuns e lugares em comum das diferentes culturas nacionais que se exprimem em língua portuguesa, mas a revisitação de triangulações além-mar não implica necessariamente a reativação ou comunhão de uma lusíada, lusotropical e (agora) lusófona "só alma pelo mundo em pedaços repartida" (Lourenço, 2004, p. 112). O Atlântico que é cruzado pelos navios Liberdade, Igualdade e Fraternidade não deve simplesmente – e, na minha opinião, não pode – ser lido como o espaço de trindades dialéticas (revolucionárias ou religiosas) da qual comungará, renascente, uma comunidade heterotópica e harmoniosa encarnada no Nação Crioula destinada à redenção futura. **A diversão irônica dos signos (liberdade, igualdade e fraternidade) subverte a visão eurocêntrica da História e a primacia da Europa na génese e desenrolar da modernidade histórica** assim como a validade e a veracidade da suposta transposição/trasmissão de ideais (supostamente inauguradores da modernidade e universais). (Miranda, 2014, p. 156, grifo nosso)

E nesse sentido ainda aponta, em nota de rodapé, a questão das lutas coloniais como paródias ou imitações da Revolução Francesa, reiterando Aimé Césaire e C. L. R. James, o que reforça uma leitura de *Nação Crioula* como mecanismo de revisitação histórica que

> adquire significado irônico não pela incongruência entre texto e contexto, discurso e realidade, mas pelo des(en)cobrimento de tensões e conflitos constitutivos (e não acidentais) de questões indestrinçavelmente históricas, modernas e literárias: das supostas e propostas liberdades, igualdades,

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

> fraternidades, nacionalidades e crioulidades aquém e além do Atlântico Sul. (Miranda, 2014, p. 159)

Miranda (2014), assim, reforça o argumento da metaliteratura na obra de Agualusa, de modo que quaisquer lugares comuns reiterados no romance, servem exatamente a esse exercício de relativização do estatuto ficcional na concepção de identidades nacionais. O argumento do professor da Universidade de Nottingham está, em meio a crítica geral do romance, em lugar um tanto quanto próprio, pois é dos poucos que dialoga com autores "pós-modernos" que não sejam teóricos da pós-modernidade em si, tais como Hutcheon e White, por exemplo.

Em resumo, podemos atribuir ao debate aqui disposto, o seguinte sentido lógico implicado de forma fragmentada pelos mais diversos autores. Se considerarmos que Agualusa "desenvolve uma forte crítica à política colonial portuguesa e analisa, em toda a sua complexidade a questão da escravatura" (Levecot, 2015, p. 18) consideramos também bastante ácida e, em certa medida, queirosiana, sua ironia e crítica por vezes sutil, utilizando-se da personagem Fradique Mendes para ironizar a própria posição de Portugal como mediador incidental e não ideal das relações entre as populações que subjugou. Nessa perspectiva, ajustam-se os textos de Dinis (2009), Castro (2011), Vieira (2011), Stewart e Small (2016), França (2018) e Russo (2020). Dessa ótica, o romance, e seu autor, podem ser lidos como engajados e bastante anti-hegemônicos, sendo a própria matéria pós-moderna uma subversão do cânone português, sendo Eça parte dessa *fagia* contemporânea, em que transforma Fradique de um fidalgo típico do século XIX a um "abolicionista ativo" (Karimi, 2015, p. 146).

Por outro lado, se não consideramos a crítica ao processo colonial claramente representada, mas entendemos sua estética pós-moderna como suficiente, forte, expressiva ou apenas que o "prefixo pós no pós-colonialismo do autor é o mesmo que encontramos em pós-modernismo" (Silvestre, 2002, p. 239), então estamos a tratar de um amplo questionamento a respeito da história e da identidade, no que as responsabilidades éticas do autor não estão em jogo e estamos a nos direcionar para as leituras de Silvestre (2002), Miranda (2014), Bezerra (2015) e Marques (2022). Desse ponto de vista, não há a necessidade de realizar uma crítica aprofundada ou pautada em vieses historicamente acurados, assim, a transformação de Fradique pode não ocorrer plenamente, mas apenas a relativização de seus discursos por meio de Ana Olímpia, perpetuando um diálogo com

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

Eça também como apropriação contemporânea do passado e apontando para saídas identitárias diversas.

Ainda há, no ínterim entre as duas perspectivas, aqueles que consideram ambígua a concretização literária das personagens, mas não atribuem, ou não tão profundamente, essa ambiguidade ao procedimento metaliterário utilizado pelo autor, de modo a, por vezes, não encontrarem boas soluções para as questões que levantamos a respeito do romance na questão da crioulidade, pendendo para uma leitura mais negativa que positiva do romance, em seus próprios termos. Assim ocorre em Correia (2011), Karimi (2015), Afolabi (2017) e, em certa medida, Lima (2020).

Agora, porém, se não entendemos em *Nação Crioula* um viés crítico pós-colonial e anti-hegemônico, nem um questionamento pós-moderno esteticamente bem disposto, sendo, pelo contrário, por demais inconsequente, enfrentamo-nos seriamente com a problemática lusotropicalista, nos mesmos moldes de leitura de Cara (2002) e na tese de Mariana Marinho (2024), a qual deixamos propositalmente para o final, a fim de realizarmos alguns apontamentos de cunho interpretativo à produção bibliográfica aqui revisitada.

Lendo as leituras

Juntamente de Sousa Júnior (2024), a tese Mariana Marinho (2024), na altura do desenvolvimento da presente pesquisa, é a mais recente no contexto da crítica de *Nação Crioula*, sendo desenvolvida na Unicamp e orientada por Mario Luiz Frungillo. Em seu escopo, Marinho (2024) se propõe a analisar o conceito de lusoafetividade na obra de José Eduardo Agualusa e, em especial, em *Nação Crioula*, romance em que a autora identifica maior grau de lusoafetiviade. A título de melhor definir o termo, tem-se a fala da autora:

> Por lusoafetividade aqui se entende a invocação de um laço afetivo capaz de unir Portugal, Angola e Brasil em torno de características (e por vezes objetivos) comuns. Aqui se pode entendê-la ainda como um prolongamento da influência metropolitana portuguesa diante de suas ex-colônias Brasil e Angola, ainda que cada uma delas tenha chegado à independência – que aqui se entende formal – num momento distinto (Brasil em 1822; Angola em 1975). (Marinho, 2024, p. 16).

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

E ainda que o termo pareça eufêmico em relação a seu correlato lusotropicalista, a autora não demora a correlacionar as duas vertentes de pensamento como pertencentes a uma mesma base lógica, sendo a lusoafetividade mais uma atualização conceitual ambígua das propostas lusotropicalistas do que qualquer coisa. Marinho (2024), inclusive, considera a CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa) uma clara demonstração do traçado lusotropical nas relações internacionais.

> O principal problema deste tipo de abordagem proposto pela CPLP e pela lusoafetividade é, de saída, o que esta deixa escapar: os anos de violência nas colônias, o apagamento das culturas nativas, o flagelo daqueles que foram escravizados, para citar apenas alguns dos problemas mais graves. A pretensa amizade entre as nações – agora livres do jugo da metrópole – e Portugal a partir da exaltação da história comum é, no mínimo, desrespeitosa, e desvia o olhar das sérias consequências que o processo colonizatório teve em cada um dos países que hoje falam a língua portuguesa. Um exemplo do qual não se pode fugir é o do próprio Brasil, cuja população negra ainda vive, em grande parte, marginalizada (seja econômica ou socialmente, por meio de práticas racistas estruturais), e que descende, direta ou indiretamente, daqueles que foram trazidos para cá a bordo dos navios negreiros. Assim, a ideia da lusoafetividade aparece aqui como um prolongamento da violência metropolitana porque nega o passado, invisibiliza sujeitos negros que historicamente já nascem subalternos neste país em que o racismo é crime inafiançável e imprescritível mas está presente a cada esquina, disfarçado de graça ou distração. (Marinho, 2024, p. 23).

De um modo bastante enfático, em um estilo e tom que está carregado de críticas à tais políticas celebratórias, a autora concebe *Nação Crioula* como uma demonstração clara da lusoafetividade, no que decorre uma série de apaziguamentos narrativos que diminuem o viés crítico ao colonialismo que a obra se propõe a ter. No centro da relação entre o lusotropicalismo e *Nação Crioula*, a autora reitera que "Quanto mais as páginas do romance mostram afeto, mais e mais se torna necessário tensionar a relação da obra com as perspectivas lusoafetiva e lusotropicalista", de modo que "o lusotropicalismo, a lusofonia e a lusoafetividade terminam por prolongar esse domínio [de Portugal] que já deveria ter se encerrado há bastante tempo – com a independência, para falar com maior precisão." (Marinho, 2024, p. 85-86).

E ainda que entenda que nem todo o conteúdo é lusoafetivo, pois compreende certo grau de ironia na construção da elite angolana e sua hipocrisia e contradição diante da escravidão, a autora nota que a centralidade do romance se desenvolve a partir de uma noção de afeto entre os países do Atlântico Sul que são mediadas por um português, Fradique, o que reverbera uma noção de domínio colonial, invariavelmente. Além disso,

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

a retomada do romance de Eça dentro de *Nação Crioula* aqui não é tida como subversão, ou tentativa de multiplicidade, mas como uma concepção saudosa do universo literário português. Da mesma forma, a posição de Ana Olímpia pouco faz diferença na leitura da autora, não dando conta de relativizar a amenidade crítica que visualiza na obra.

É importante destacar, nesse sentido, que ainda que Marinho (2024) não cite em nenhum momento a crítica de Salete Cara (2002), seu posicionamento baseia-se em hipóteses muito semelhantes, isto é, a não retratação da violência colonial e a consideração de uma lógica de mercado literário que coordena o impacto do romance, da qual resulta uma ironia indiferente tanto quanto seu trato pós-moderno. É curioso, porém, perceber que entre os 22 anos que se passaram entre o texto de Cara (2002) e o de Marinho (2024) os únicos que parecem ter levado a questão no mesmo tom das duas autoras, foram os já citados Correia (2011), Karimi (2015), Afolabi (2017) e Lima (2020). Ora, não estamos aqui pontuando a necessidade de uma chave interpretativa negativa para com *Nação Crioula*, mas a estranha falta de diálogo entre os autores nesse campo. Mais do que isso, estranha-se o fato de que entre todos os 84 textos que se propõe a estudar a obra, apenas 20 cogitam a questão da crioulidade – e mais amplamente a questão lusotropicalista – no romance de Agualusa. Isso nos leva a uma consideração bastante gravosa de Marinho (2024), mas que nos ajudará a impulsionar a análise dos resultados aqui dispostos. Diz a autora:

> A violência comum nos relatos do período escravocrata não aparece no livro. É o efeito da lusoafetividade: o abrandamento das tensões, a moderação das dificuldades, das lutas, dos acirramentos. Nesse quesito, há que se fazer justiça com o autor: não é só dele esse olhar. Numa rápida olhada na fortuna crítica de *Nação crioula*, seja no que está publicado em livro ou no que está disponível na internet, em artigos ou dissertações, o que se percebe é que **a lusoafetividade está presente também na recepção e na crítica do livro, como já citado nos dois exemplos em parágrafos anteriores**.
> Diante de todo esse cenário, é importante abrir espaço para desnaturalizar a lusoafetividade. [...] é claro também que em seus livros há de sobra – não há como negar isto – vieses pós-coloniais, uma vez que reescrevem a história da colonização em diversos aspectos. Há, sim, muita crítica à colonização portuguesa espalhada por muitos de seus livros e especialmente em *Nação crioula*. Mas mesmo assim, há também espaço para uma perspectiva lusoafetiva que arrisca pôr a perder a crítica à metrópole portuguesa, exatamente porque destensiona, desmobiliza o discurso. (Marinho, 2024, p. 89, *nosso grifo*).

Questionamo-nos, portanto, a respeito de duas hipóteses possíveis para a falta de pesquisas que ao menos mencionem a questão – em especial em se tratando de

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

dissertações e teses, trabalhos mais alongados por natureza. Primeiro, pode se considerar se o romance abre possibilidades interpretativas que possibilitem o questionamento da noção de crioulidade. Ora, enquanto momento de maior interpretação que de análise, não entendemos que *Nação Crioula* deixe de abrir margens interpretativas para o questionamento da crioulidade, pelo contrário, parece-nos que essa é uma de suas questões centrais. E como segunda hipótese para essa falta, cogita-se que há, na recepção e posterior produção bibliográfica, se não uma lusoafetividade como pensa Marinho (2024) – e que cremos ser essa uma possibilidade pertinente a futuras pesquisas e propostas – há, minimamente, uma preferência da crítica em tratar de questões outras que não o aspecto lusotropicalista em *Nação Crioula*.

Em decorrência dessa segunda hipótese bastante simples, constatamos que o lugar dos questionamentos da identidade angolana, nos termos de seus teóricos, não é privilegiado na análise. Ao contrário, basta observarmos a perenidade do texto de Paul Gilroy, *Atlântico Negro*, nas pesquisas que notaremos um local bastante perene de estudos anglófonos na bibliografia de tais produções, o que pode ser também observado pela presença de autores como Linda Hutcheon, Hayden White e Stuart Hall. Há de se dizer, portanto, que a problemática pode ser atribuída a acessibilidade discrepante que estudos no Norte tem sobre os estudos do Sul, por assim dizer, de modo que a preferência teórica, metodológica, temática e, por consequência, suas conclusões, não estarão sendo pautadas pela multiplicidade de perspectivas que tanto buscamos reconhecer aqui. Não estamos, nesse sentido, criticando indivíduos, sejam pesquisadores, estudantes, professores, teóricos, nem mesmo instituições, como periódicos ou universidades, mas uma dominância latente de certas propostas que englobam problemáticas outras que não advém de olhares subalternos.

Novamente, não desejamos eleger uma temática ou escopo específico como central para todos os estudos da obra sem exceção, exatamente por considerarmos a diversidade extremamente relevante no contexto da ciência. Contudo, nota-se que diante de um cenário social e econômico que constantemente silencia e apaga determinadas propostas e tem impacto real nas realidades daqueles que têm contato com a obra, é pertinente ao menos considerar criticamente as raízes de determinados pontos da narrativa.

A título de exemplo, encontramos dois textos que poderiam se valer de uma certa cautela para com o romance de Agualusa, são eles, “Direitos humanos e literatura: da

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

‘Nação Crioula’ de José Eduardo Agualusa à escravidão contemporânea da Fazenda Brasil Verde” de Fernanda Barbosa e Gabrielle Sarlet (2018) e “Nação crioula: uma possibilidade de suporte didático no ensino de história afro-brasileira e africana” de Dinamara Feldes, Lucas Carvalho e Luana Fusaro (2019). O primeiro, com autoras advindas do direito, posiciona o romance como um veículo possível de empatia que, inclusive, metaforiza, ou minimamente relaciona, a vivência real daqueles que lutaram contra a escravidão e servidão no contexto da CIDH (Convenção Interamericana de Direitos Humanos). Ora, se considerarmos aquilo que Marques (2022), por exemplo, posiciona a respeito do exercício metaliterário como foco do romance, as implicações de lermos *Nação Crioula* como romance modelar se alteram consideravelmente. O mesmo vale para o texto de Feldes, Carvalho e Fusaro (2019), três pesquisadores da área da educação e antropologia que colocam o romance como uma leitura possível de facilitação ao ensino de história africana no Brasil. Nesse caso, se compararmos também com o texto de Marques (2022) salta sua leitura de que o romance não se propõe a estratégias pedagógicas, mas resiste a elas, o que implica dizer que seu uso em contextos não devidamente orientados, pode levar, eventualmente, ao domínio cultural lusitano que acusa Marinho (2024).

É bastante plausível, nesse contexto, afirmar que ambos os textos se valeriam de uma discussão mais acessível e aprofundada a respeito dos possíveis problemas do romance, ainda que concluíssem que a obra é uma grande crítica ao passado colonial (Dinis, 2009; Castro, 2011; Vieira, 2011; Stewart e Small, 2016; França, 2018; Russo, 2020). Cabe, de toda forma, aos estudiosos da literatura, encarar o texto enquanto tal, a fim de tornarem a informação e o debate acessível àqueles que quiserem apropriar-se dele em quaisquer áreas que sejam.

O que nos parece perigoso, no entanto, é a sublimação de determinadas questões apenas por falta de conhecimento e acesso a leituras que questionam certas obras em questão, como parece ser o caso analisado aqui. É em grande parte por isso que consideramos revisitações bibliográficas tais como essas essenciais para o bom desenvolvimento da análise literária em nossos mais diversos contextos.

Considerações finais

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

Nossa proposta consistiu no debate e cruzamento de diferentes perspectivas e escopos temáticos, tendo em vista a exploração da diacronia e sentido geral da questão da crioulidade e lusotropicalismo ao redor de *Nação Crioula* e sua produção bibliográfica. As ressalvas que devem ser feitas, portanto, colocam-se na constante cautela em se ler leituras de um romance e, mesmo assim, acreditamos que esse é um exercício de extrema importância, a fim de lançarmos bases – também bibliográficas – para estudos futuros da obra, de modo que tais pesquisas não se debrucem sobre questões desatualizadas, redundantes ou apenas ignorantes das pesquisas recentes a respeito do objeto fonte. No geral, pudemos demonstrar como ocorreram as inovações interpretativas, mudanças de perspectiva, apaziguamento ou acirramento de posicionamentos críticos, estruturando de tal modo a percebermos a permanência, circulação e perenidade de certas lógicas de leitura em determinadas linhas de pesquisa.

Além disso, pudemos perceber como determinadas metodologias centralizam diferentes questões e, por isso, alteram com grande impacto o resultado final de interpretações e análises literárias, ainda que os autores se utilizem dos mesmos aportes teóricos e conceituações. Surpreende-nos, contudo, como a questão da crioulidade é pouco debatida no Brasil. Ora, 62,5% das pesquisas publicadas sobre *Nação Crioula* fora do Brasil tratam da questão lusotropicalista e, no entanto, apenas 13,4%[9] das pesquisas publicadas no Brasil tratam do lustropicalismo ou da crioulidade.

Finalizamos esse trabalho com a expectativa de que a presente pesquisa se torne uma base possível para que novas chaves interpretativas, conscientes de seu papel ético na sociedade em que vivemos, dotadas de um ferramental crítico, teórico e metodológico acurado e pertinente, surjam dialogando com a produção bibliográfica aqui disposta e caminhando para uma análise coerente das identidades nacionais do pós-independência. Valorizamos, assim, a produção de conhecimento diversificada que pense – também – questões tão pertinentes e prejudiciais a nós como lusotropicalismo ou a crioulidade, oferecendo saídas e possibilidades sem, contudo, deixar de pontuar a pertinência histórica de tais concepções.

REFERÊNCIAS

[9] Necessário esclarecer que o total bruto de pesquisas sobre *Nação Crioula* publicados no Brasil encontrados por nós é de 67 (entre teses, dissertações e artigos), enquanto o número total de pesquisas publicadas fora do país é de 16.

Sobre *Nação Crioula*:

AFOLABI, Niyi. Mamiwata, Migrations, and Miscegenation: Transculturation in José Eduardo Agualusa, Mia Couto, and Germano Almeida. **Journal of Lusophone Studies**, v. 2, n. 1, p. 181-197, 2017. DOI https://doi.org/10.21471/jls.v2i1.151. Disponível em: https://jls.apsa.us/index.php/jls/article/view/151. Acesso em: 30 maio 2025.

BEEBEE, Thomas O. The Triangulated Transtextuality of José Eduardo Agualusa's *Nação Crioula: A Correspondência Secreta de Fradique Mendes*. **Luso-Brazilian Review**, n. 47 (1), p. 190-213, 2010. DOI https://doi.org/10.1353/lbr.0.0106. Disponível em: https://lbr.uwpress.org/content/47/1/190/tab-references. Acesso em: 30 maio 2025.

BEZERRA, Lígia. Um 'quase-africano:' Re-significações de Fradique Mendes em *Nação crioula*, de José Eduardo Agualusa. **Journal of Lusophone Studies**, v. 13, p. 79-84, 2015. DOI https://doi.org/10.21471/jls.v13i0.5. Disponível em: https://jls.apsa.us/index.php/jls/article/view/5. Acesso em: 30 maio 2025.

CARA, Salete de Almeida. Do pós-colonialismo angolano ao decadentismo português. In ABADALA JUNIOR, Benjamin, SCARPELLI, Marli Fantini. **Portos flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos**. São Paulo: Ateliê Editorial and CAPES, 2004, p. 105-114.

_____. Processo literário em sociedades desagregadas: o caso angolano. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**, v. 22, n. 31, p. 125–132, 2002. DOI: 10.17851/2359-0076.22.31.125-132. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/30843. Acesso em: 19 abr. 2025.

CASTRO, Léo Mackellene Gonçalves de. **Identidades imaginadas ou Agualusa vs. Agostinho Neto: a falência do projeto original da identidade nacional angolana**. 2011. 182 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

CORREIA, Wesley. Trânsitos culturais: (re)invenção nacional e experiência diaspórica em Nação crioula de José Eduardo Agualusa. **XII Congresso Internacional da ABRALIC**, Curitiba - PR, 2011.

_____. **Representações histórico-ficcionais de Angola: uma leitura de A gloriosa família de Pepetela e Nação crioula de José Eduardo Agualusa**. 404 p. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos, Pós-Afro) - Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador - BA, 2015. Disponível em: https://sucupira-

legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2356768. Acesso em: 30 maio 2025.

DINIS, Eva Maria Afonso Moreira da Cruz. **Dois olhares sobre a alteridade: o Outro em A correspondência de Fradique Mendes, de Eça de Queirós, e Nação crioula, de José Eduardo Agualusa**. 2009. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/1717. Acesso em: 30 maio 2025.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Fradique Mendes nas rotas do Atlântico Negro. In: SCARPELLI, Marli Fantini e OLIVEIRA, Paulo Motta (Org). **Os centenários: Eça, Freyre e Nobre**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001.

FRANÇA, Alex Santana. **Que país é este? Um olhar sobre o Brasil em José Eduardo Agualusa**. 2018. Dissertação (Mestrado em Lingüística, Letras e Artes) - Universidade Federal da Bahia, Salvador - BA, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/27771. Acesso em: 30 maio 2025.

KARIMI, Kian-Harald. Sempre em viagem: nações deslizantes como formas do pensamento no romance Nação crioula de José Eduardo Agualusa. *In*. RODRIGUES-MOURA, Enrique; WIESER, Doris (Org). **Identidades em movimento: construções identitárias na África de língua portuguesa e seus reflexos no Brasil e em Portugal**. Frankfurt am Main: Biblioteca Luso-Brasileira, 2015, p. 141-178.

LIMA, Danuza Américo Felipe de. **A crioulidade em José Eduardo Agualusa e a identidade cultural angolana**. 2020. Tese (Doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa) - Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009. Disponível em: https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/94363. Acesso em: 30 maio 2025.

MARINHO, Mariana Paiva. **O oceano no meio do caminho: lusoafetividade e a literatura de José Eduardo Agualusa**. 2024. Tese (Doutorado e em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2024. Disponível em: https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1393908. Acesso em: 30 maio 2025.

MARQUES, Pedro. Samba, Nga Ndreza e Ana Olímpia da literatura colonial e nacional a uma poética da incomunicabilidade. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 452–473, 2022. DOI: 10.11606/va.i41.191091. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/191091.. Acesso em: 7 mar. 2025.

MIRANDA, Rui Gonçalves. 'Liberdade, Igualdade, Fraternidade ou a Morte?': Extravios do post/al colonial em Nação Crioula". **Via Atlântica**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 147–165, 2014. DOI: 10.11606/va.v0i25.69631. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/69631.. Acesso em: 7 mar. 2025.

OLIVEIRA, Paulo Motta. “Entre continentes e culturas: as travessias de Fradique Mendes”, *In*. ABDALA, Benjamin; SCARPELLI, Marli F. (orgs.). **Portos flutuantes. Trânsitos ibero-afroamericanos**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004, p. 91-104.

RUSSO, Vincenzo. **Narrar o Atlântico Sul: Um espaço para a ‘nação crioula’**. Università degli Studi di Milano. Disponível em: https://air.unimi.it/retrieve/dfa8b9a2-1d1a-748b-e053-3a05fe0a3a96/art_atla%cc%82ntico%20sul.pdf. Acesso em: 30 maio 2025.

SILVESTRE, Osvaldo Manuel. Um turista nos trópicos: o de-vir pós-colonial de Fradique Mendes. Congresso de Estudos Queirosianos: **IV Encontro Internacional de Queirosianos**. Coimbra: Instituto de Língua e Literatura Portuguesas/Livraria Almedina, 2002, p. 221-240.

STEWART, Katy; SMALL, Audrey. Writing the Transatlantic Imaginary in Agualusa’s Nação Crioula and Monénembo’s Pelourinho. **E-Cadernos, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra**, Coimbra, 2016. DOI https://doi.org/10.4000/eces.2113. Disponível em: https://journals.openedition.org/eces/2113?lang=en. Acesso em: 30 maio 2025.

VIEIRA, Maria Agripina Ferreira Carriço Lopes. **Construção da identidade na ficção de Luandino, Pepetela e Agualusa**. 2011. Tese (Doutoramento em Literatura Comparada) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/6336. Acesso em: 30 maio 2025.

ZAMPARONI, Valdemir. Agualusa. José Eduardo. Nação crioula. A correspondência secreta de Fradique Mendes. **Afro-Ásia**, 21-22, 1998-1999, p. 376-382.

Textos complementares:

ABDALA Jr., Benjamin. **Literatura, história e política: Literaturas de língua portuguesa no século XX**, São Paulo: Ed. Ática, 1989

D’AMATO, Andréa Silva. “Manuel Querino”. *In*: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2023. Disponível em: https://ea.fflch.usp.br/autor/manuel-querino. Acesso em: 30 maio 2025.

LEVÉCOT, Agnès. Nação Crioula, de José Eduardo Agualusa: romance epistolar e identidade comunitária. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 17–30, 2015. DOI: 10.11606/va.v0i27.99901. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/99901.. Acesso em: 7 mar. 2025.

DOI: https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2025.v22n02a68604

LUSA, Agência de Notícias de Portugal, S.A.. José Eduardo Agualusa considera Agostinho Neto "poeta medíocre" e é ameaçado com processo judicial. **RTP Notícias**, Lisboa, 8 abr. 2008. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/mundo/jose-eduardo-agualusa-considera-agostinho-neto-poeta-mediocre-e-e-ameacado-com-processo-judicial_n146906. Acesso em: 22 maio 2025.

OLIVEIRA, Mário António Fernandes de. **Luanda, "ilha" crioula**. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1968

REIS, Carlos. Fradique Mendes: origem e modernidade de um projeto heteronímico, In: Estudos Queirosianos. **Ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra**. 1ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999, p. 237-241

Recebido: 31/05/2025

Aprovado: 12/12/2025